

Por uma linguística aplicada mais inclusiva: pesquisas sobre o professor de inglês, autismo e Tecnologia Assistiva

Towards a more inclusive applied linguistics: research on the english teacher, autism and assistive technology

Laryssa ARAÚJO 

araujo.laryssa94@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil.

Julia LARRE 

jarre1304@gmail.com

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, Pernambuco, Brasil.

Resumo

Nas últimas décadas vem sendo mais frequente a presença de estudantes com autismo na escola regular. Este fato é de interesse da Linguística Aplicada, uma vez que sua agenda consiste em questões que estão presentes na sociedade (LEFFA, 2001; MOITA LOPES, FABRÍCIO, 2020). Assim, o objetivo desta pesquisa é fazer uma revisão de dissertações e teses referentes a tríade professor de inglês, autismo e Tecnologia Assistiva, em vista de compreender o panorama nacional de estudos no campo da Linguística Aplicada. Para tanto, uma pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) foi realizada para selecionar os dados do presente artigo. Este estudo caracteriza-se como bibliográfico e documental, uma vez que as pesquisas analisadas já foram publicadas. Como resultados, há poucas pesquisas na perspectiva da LA sobre o professor de inglês, autismo e Tecnologia Assistiva. Em relação ao conteúdo das pesquisas, os resultados mostram que os cursos que formam professores de inglês, de forma majoritária, não abordam o Transtorno do Espectro do Autismo e a Tecnologia Assistiva.

Palavras-chave: Linguística Aplicada, Professor de Inglês, Autismo, Tecnologia Assistiva.

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 20/09/2022

Aprovação do trabalho: 01/11/2022

Publicação do trabalho: 09/11/2022



<https://doi.org/10.23925/2318-7115.2022v43i2a10>

COMO CITAR

ARAÚJO, L.; LARRE, J. Por uma linguística aplicada mais inclusiva: pesquisas sobre o professor de inglês, autismo e Tecnologia Assistiva. *The Specialist*, [S. l.], v. 43, n. 2, p. 158–173, 2022. DOI: 10.23925/2318-7115.2022v43i2a10.

Distribuído sob Licença Creative Commons



Abstract

In recent decades, the presence of students with autism in regular schools has been more frequent. This fact is of interest to Applied Linguistics, since the area's agenda consists of issues that are present in society. Thus, the objective of this research is to look for dissertations and theses referring to English teachers, autism spectrum disorder and Assistive Technology, in order to understand the national panorama in the field of Applied Linguistics. Therefore, research in the CAPES Theses and Dissertations Catalog and in the Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) was carried out to select the data for this paper. This study is bibliographic and documentary, since it analyzed were already published. As results, there is little research on the English teacher and autism and Assistive Technology. Regarding the content of the research, the results show that most part of the courses that train English teachers do not encompass Autism Spectrum Disorder and Assistive Technology.

Keywords: *Applied linguistics, English teacher, Autism, Assistive Technology.*

1. Introdução

Em linhas gerais, o TEA é um transtorno neurodesenvolvimento que costuma apresentar as primeiras características na infância. Entre as características estão o comprometimento social, na comunicação e na linguagem (VOLKMAR, WIESNER, 2019; GRANDIN, PANEK, 2019) se pensarmos nos padrões considerados típicos de comportamento. O documento elaborado pela Associação Americana de Psiquiatria (*American Psychiatric Association*) apresenta uma tabela (APA, 2014, p. 52), a qual esclarece os níveis para o TEA. Seguindo este documento, o nível 1 “exigindo apoio”, o nível 2 “exigindo apoio substancial” e o nível 3 “exigindo muito apoio substancial”. Na tabela também estão descritas as características de comunicação social e comportamento de acordo com cada nível. Na nossa interpretação, seguindo as orientações dos documentos, quanto mais dificuldades, mais necessidade de apoio.

Há muitos estudos de diferentes áreas que abordam o transtorno do espectro do autismo (TEA) em suas investigações. No entanto, no que tange ao ensino de línguas e seus envolvidos, pesquisas sobre a temática ainda são incipientes. Para as reflexões aqui apresentadas sobre o professor de inglês, nos apoiamos nas considerações teóricas provenientes da Linguística Aplicada (LA), pois “são necessárias teorizações que dialoguem com o mundo contemporâneo, com as práticas sociais que as pessoas vivem, como também desenhos de pesquisa que considerem diretamente os interesses daqueles que trabalham, agem etc. no contexto de aplicação.” (MOITA LOPES, 2006, p. 23).

Desde a década de 90, pesquisas no contexto da LA dialogam com outras áreas do conhecimento para tratar de vários grupos sociais que estão à margem da sociedade, as vozes do

sul (MOITA LOPES, 2006), discutindo relações de poder e marginalização. Entretanto, ainda há um longo trajeto de pesquisa em relação a comunidade de pessoas com transtornos ou deficiências. Portanto, parafraseando o título do livro organizado por Moita Lopes (2006), pontuamos o fato de que a LA precisa ser inclusiva também nesta perspectiva. Caminhando nesta direção,

quando pensamos em heterogeneidade, ou em ouvir “as vozes do sul”, como ele propõe, nos remetemos a priori a questões étnicas, sexualidade, gênero, classes, mas ainda tardamos em nos lembrar das pessoas com necessidades especiais que são tão ou mais marginalizadas que as demais minorias: são excluídas como se fossem invisíveis, são subestimadas como se os esforços educacionais fossem “perda de tempo” para seu desenvolvimento, discriminadas, convivendo com olhares e taxadas como dignas de pena. (VIEIRA, 2017, s/p).

Considerando o contexto escolar, quando falamos de pessoas com deficiências e transtornos observamos muita resistência. Isso se deve a dificuldades de infraestrutura, questões que abrangem a formação de professor, informação social, entre outros. Por isso, corroborando com Medrado (2016) e focando no professor, enfatizamos que os cursos de formação docente precisam considerar as diferentes realidades, inclusive as realidades de pessoas que enxergam e compreendem o mundo de forma diferente, e entre esses, incluímos pessoas com deficiências (PcD) e com transtornos.

Nesse viés, dois pontos são importantes ressaltar: 1) a dificuldade que o professor tem em compreender a deficiência do estudante e 2) o professor precisa ter em mente que esse estudante está na escola tanto para a inclusão quanto para a aprendizagem (TENENTE, 2017). Corroborando com Costa (2018), acreditamos que estes apontamentos podem ser consequência de uma formação, tanto pessoal quanto profissional, que teve pouco (ou nenhum!) contato com esta realidade. Por isso a necessidade de formações contínuas e continuadas, bem como de condições adequadas para que elas ocorram.

“[O] professor, apesar de sobrecarregado em sua função, ainda detém o papel principal na inclusão. E ele não tem tido experiências formativas suficientes ou suporte humano e material para lidar com esta nova demanda.” (TENENTE, 2017, p. 85). Nesta citação, observamos o papel da formação do professor, como também refletimos sobre os vários problemas que rondam a profissão do professor no contexto nacional, entre eles a sobrecarga de trabalho, a desvalorização profissional, os baixos salários, gerando consequências para a prática do profissional. Por isso é

urgente pensar em soluções que superem ou, pelo menos, minimizem tais problemas para que o professor tenha o suporte necessário para seguir em uma formação contínua e continuada.

Em relação a professores de línguas, especificamente de inglês (LI), Rocha e Tonelli (2013) e Rocha (2016) destacam que os cursos não abordam as diversidades de maneira efetiva e, através de pesquisas, concluíram que boa parte dos professores de LI não se sentem preparados para ensinar para pessoas TEA. Indo neste mesmo caminho, Oliveira et al (2020) entrevistaram professores em formação dos cursos de Letras com habilitação em inglês e espanhol, concluindo que, no contexto da pesquisa, o curso não aborda questões referentes ao transtorno e que a maioria desses professores em formação também não se sentem preparados para trabalhar neste contexto.

Uma ferramenta que os professores podem lançar mão durante o ensino de pessoas com necessidades especiais são as ferramentas, recursos e serviços da Tecnologia Assistiva (TA). De acordo com Galvão (2009), toda ferramenta que for utilizada para promover a inclusão, auxiliar no desenvolvimento ou proporcionar uma melhor qualidade de vida para pessoas com deficiência ou necessidades específicas pode ser considerada um recurso da TA. Nesta vertente, os recursos digitais e as tecnologias da informação (TDIC) também podem ser ferramentas da TA, considerando as reflexões de Oliveira e Mill (2016).

Por lei, escolas públicas ou privadas não podem negar a matrícula de criança ou adolescente com TEA. A Lei Nº 13.146, de 6 de Julho de 2015, conhecida com o Estatuto da Pessoa com Deficiência, institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. De acordo com esta, pessoas com deficiência têm direito, entre outros, à educação e recursos da Tecnologia Assistiva que contribuam para o desenvolvimento e promoção da qualidade de vida a essas pessoas.

De acordo com o Censo Escolar de 2021, “O percentual de alunos com deficiência, transtornos do espectro autista ou altas habilidades matriculados em classes comuns tem aumentado gradualmente para a maioria das etapas de ensino” (BRASIL, 2021, p. 36) de 2020 para 2021. O gráfico disponibilizado pelo Censo mostra que o percentual de matrícula de alunos com deficiência, transtorno e superdotação aumentou de 37,2% para 39,7% em classes que não possuem Atendimento Educacional Especializado (AEE). Para classes que não possuem o AEE, o gráfico mostra que esse percentual aumentou de 56% para 58,3%. Sendo assim, considerando o cenário de que cada vez mais estudantes autistas estão sendo matriculados em escolas regulares

e que situações reais da sociedade são de interesse da LA, questionamos: qual o cenário da pesquisa nacional no que tange professor de inglês, autismo e Tecnologia Assistiva no campo da Linguística Aplicada?

2. Metodologia

Para responder a referida pergunta, o presente estudo visa fazer uma revisão de dissertações e teses publicadas que versam sobre as temáticas em questão. Para tanto, fizemos uma busca de pesquisas publicadas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes¹ e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)² durante o mês de março e junho de 2022. Consideramos os seguintes termos-chave: 1) Professor de Inglês 2) Autismo/Síndrome de Asperger³ 3) Tecnologia Assistiva. Importante frisar que a BDTD oferece um mecanismo de busca avançada, permitindo filtrar para que os termos-chave remetam ao assunto, e não apenas ao título, das pesquisas durante a busca. Em tempo, para a análise, serão selecionadas pesquisas desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação em Letras com viés na Linguística Aplicada.

Na LA, apesar de ser um número pequeno, há pesquisas que versam sobre o autismo sem considerar o professor de línguas ou LI, mas por não abordar estes, não refletiremos sobre as mesmas. Todavia, a título de exemplo, citamos a pesquisa de Tenente (2017), a qual versa sobre inclusão e autismo, abordando, também, o professor em contexto geral e a pesquisa de Correia (2018) que trata sobre o autismo e ensino de leitura. Apesar de não ter sido desenvolvida em um Programa de Pós-Graduação em Letras, mas na área de Educação, as pesquisas de Monteiro (2016) e Omena (2016) tratam sobre a formação de professor em contexto geral, autismo e Tecnologia Assistiva.

No Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, a busca aconteceu em quatro momentos. Para o primeiro, utilizamos “professor de inglês” como mecanismo de busca e 242 resultados foram encontrados, com a aplicação do filtro de Letras, Linguística e Artes na grande área, esse

¹ <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>> acesso em Abril de 2022.

² <Biblioteca Digital de Teses e Dissertações <<https://bdtd.ibict.br/vufind/>> acesso em Março de 2022.

³ Importante frisar que a Síndrome de Asperger não figura o rol de transtorno do neurodesenvolvimento a partir do DSM-V. Todavia, por muito tempo, devido ao DSM-III E DSM-IV, muitas crianças foram diagnosticadas com a síndrome e, possivelmente, pesquisas foram desenvolvidas sob o prisma desta nomenclatura.

número reduziu para 153. Ao ler o título de todas as pesquisas, constatamos que nenhuma versa sobre o professor de inglês e o autismo. Em seguida, utilizamos “formação do professor de inglês” na busca e 25 resultados foram encontrados, nessa busca não foi possível a aplicação de filtros. Condensamos os resultados obtidos desses dois termos utilizados no mecanismo de busca e eles correspondem ao primeiro termo chave utilizado nesta pesquisa.

A nossa terceira busca consistiu em utilizar “autismo” e 1653 resultados foram encontrados com 72 correspondentes na grande área ‘Letras, Linguística e Artes’. Após a leitura dos títulos, encontramos a pesquisa de Resende (2021) que faz menção a “aula de inglês” no título. Tendo em mente que a síndrome de Asperger, por muito anos foi tida como um dos perfis do autismo, ao pesquisar “síndrome de Asperger” 75 resultados foram encontrados e não foi possível a aplicação de filtro. Após a leitura dos títulos, encontramos um resultado que se relaciona com o inglês e o autismo, sendo a pesquisa de dissertação de Rocha (2016). Para finalizar, como mecanismo de busca utilizamos “tecnologia assistiva” e 902 resultados foram encontrados, após a aplicação do filtro da grande área, 6 resultados foram obtidos e nenhum destes com referência ao professor de inglês e autismo. Nesta última busca, apenas um resultado enfoca a língua estrangeira, mas versa sobre aprendizes cegos.

No site da BDTD, por sua vez, para a busca, utilizamos as seguintes combinações de termos-chave: 1) professor de inglês no assunto; 2) Professor de inglês e Tecnologia Assistiva no assunto; 3) Autismo/síndrome de Asperger E professor no assunto; 4) Professor de inglês, Autismo e Tecnologia Assistiva no assunto. Para estas últimas três etapas, utilizamos o mecanismo avançado de busca, o qual neste site em específico possibilita utilizar dois termos-chave na mesma busca.

Para o primeiro grupo 470 resultados foram encontrados. Destes, 31 trabalhos abordam a tecnologia e 4 abordam a educação especial. Nos dois grupos, a maioria das pesquisas versam sobre surdos ou deficiência de uma forma geral. No que tange ao autismo e inglês de forma específica, há o estudo de Rocha (2016) que trata sobre a formação do professor de inglês e a Síndrome de Asperger (nomenclatura utilizada até o DSM-IV).

Para o terceiro grupo, Autismo/síndrome de Asperger E professor no assunto, 1 resultado foi mostrado, a pesquisa de Rocha (2016) já mencionada no parágrafo anterior. Para o quarto grupo, realizamos a busca através de combinação dos três termos-chave e nenhum resultado foi mostrado. A Figura 1 mostra esse resultado por meio do *print* de tela do site em questão.

Para selecionar os artigos abordados neste estudo, após as pesquisas com os filtros, observamos os títulos dos trabalhos e, devido ao fato de dúvidas persistirem, lemos os trabalhos na íntegra para a seleção de dados final. Assim, destacamos as pesquisas de Nascimento (2014 - a qual não tivemos acesso ao texto completo), Tenente (2017) e Correia de (2018) que estão no campo das Letras e/ou da LA, mas não fazem menção a língua estrangeira especificamente. Por esse motivo tais pesquisas não foram selecionadas para a análise. Também destacamos artigos que versam sobre a língua inglesa e autismo, como exemplo, citamos Ferreira e Tonelli (2020), mas por não serem dissertações ou teses, não o selecionamos para a análise. Na tabela 1 estão os textos que compõem os nossos dados.

Tabela 1: Dados encontrados

ASSUNTO	RESULTADOS
Autismo/Síndrome de Asperger; Professor de inglês; inglês; professor	Rocha (2016) Resende (2021)
Professor de inglês e Tecnologia Assistiva;	-----
Professor de inglês e Autismo e Tecnologia Assistiva no assunto.	-----

Fonte: autoras

Para dialogar sobre as pesquisas destacadas no quadro 1, tendo em vista os interesses de pesquisa, as pesquisas foram lidas na íntegra. A seguir, a análise dos dados com o intuito de responder à pergunta “qual o cenário da pesquisa nacional no que tange professor de inglês, autismo e Tecnologia Assistiva no campo da Linguística Aplicada?”.

3. Análise e discussão dos dados

Neste tópico, temos como intuito resumir as pesquisas destacadas no quadro 1, apresentando os locais que foram desenvolvidas, objetivos, metodologia e resultados gerais. Em

seguida, refletiremos sobre o impacto delas no contexto da Linguística Aplicada e a urgência de mais pesquisas sobre a temática no referido campo de estudo.

3.1 Resumo dos estudos

Apesar de termos encontrado cinco pesquisas que abordam as temáticas do professor e autismo, para detalhá-las selecionamos duas, as quais especificam o professor de língua inglesa. Para título de conhecimento, a dissertação de Tenente (2017) foi desenvolvida no Programa de Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e a tese de Correia (2018), no Programa de Mestrado em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará.

Estudo 1: Rocha (2016)

Em sua pesquisa de dissertação intitulada “Possibilidades e desafios na formação de professores de língua inglesa a indivíduos com a síndrome de Asperger” desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Rocha (2016) buscou (re)pensar a formação de professores de inglês (LI) para o ensino do idioma para pessoas com Síndrome Asperger, considerando aspectos teóricos da Neuroeducação.

Para refletir sobre o assunto, o autor analisou os programas das disciplinas que fazem parte do curso de licenciatura de Letras-Inglês de uma universidade pública, bem como entrevistou e aplicou questionários aos professores que fazem parte do quadro docente do curso na referida instituição. Para analisar as entrevistas, o autor tomou como base os pressupostos metodológicos do ISD (Interacionismo Sócio discursivo) em relação ao nível semântico - análise de sintagmas nominais e verbos. No que tange a metodologia, a pesquisa é qualitativa, documental e interpretativista.

Os resultados mostram que o ensino de LI não é contemplado nas disciplinas que são voltadas para o contexto inclusivo, como também o ensino de LI para pessoas com SA. Indo adiante, o autor também pontua a necessidade de formar o professor de LI para o contexto inclusivo como sendo um eixo imprescindível para “um profissional de LI minimamente capaz” (ROCHA, 2016, p. 104). Para responder a segunda pergunta, ele reflete, através das entrevistas com as professoras, que a neuroeducação “contribui para a formação inicial do professor de LI

para atuar no CI de ensino.” (ROCHA, 2016, p. 104). Como conclusão geral, Rocha (2016) sinaliza dois pontos: 1) a falta de formação de professores de LI para o CI na referida instituição; 2) “inexistência” de estudos em Linguística Aplicada referente a formação de professores para o CI. Como proposta, o autor destaca que inserir disciplinas de Neuroeducação, bem como o curso de formação da instituição adotar a prática de um currículo flexível são possibilidades para superar essa lacuna.

Estudo 2: Resende (2021)

Na pesquisa de mestrado, intitulada “Uma aprendiz autista na aula de inglês como língua estrangeira: (re)construindo possibilidades” desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA) da Universidade de Brasília (UnB), Resende (2021) investiga a inclusão de uma estudante TEA no contexto do ensino de línguas. Uma das perspectivas analisadas é a professora de inglês.

A metodologia do estudo é aplicada, de abordagem qualitativa e exploratória. De forma específica, foi utilizado o método de pesquisa-ação, uma vez que refletiu sobre a realidade de um contexto específico. Como participantes da pesquisa, Resende (2021) pontuou a professora da turma, a estudante com autismo, a professora pesquisadora, a mãe da estudante, a coordenadora da escola, o professor da Sala de Recursos Generalista. Para coletar os dados foram utilizados instrumentos como observação participante, entrevistas com os participantes e encontros reflexivos entre professora pesquisadora e professora regente. Em linhas gerais, a professora pesquisadora participou das aulas com o intuito de compreender a realidade do contexto da pesquisa para propor ações práticas. Ela também pontua com que conversou com a profissional que seria a próxima professora da estudante TEA, caracterizando um envolvimento que vai além dos interesses da pesquisa, abarcando uma preocupação social que vai ao encontro da agenda da LA.

Como já pontuado, devido a temática do presente artigo, abordaremos de forma mais detalhada os aspectos que versam sobre a professora regente. Para compreender a professora regente, Resende (2021) ponderou “como de maneira implícita a professora Amanda propôs atividades inclusivas, seus anseios, sua (re)construção de possibilidades, sua (re)invenção como “escrava de circunstâncias externas”[...]” (RESENDE, 2021, p. 173). Os resultados mostraram que

a professora da turma, após aprender sobre o que é o autismo e dialogar com a professora pesquisadora sobre as necessidades da estudante em questão, passou a procurar estratégias para incluir essa aluna na sua sala de aula, auxiliando-a a atingir os mesmos objetivos dos estudantes neurotípicos através de adaptações de atividades e avaliações, por exemplo. Para finalizar, Resende (2021) comenta que a professora regente relatou que passou a refletir sobre sua outra estudante com dislexia, como também forneceu dicas e sugestões para a próxima professora da estudante em questão.

3.2 Professor de inglês, autismo, Tecnologia Assistiva e LA: diálogo essencial

As duas pesquisas resumidas na presente reflexão adotam como metodologia a análise qualitativa dos dados, o que, segundo Marconi e Lakatos (2011), possibilita refletir de forma aprofundada sobre o contexto de investigação e, conseqüentemente, mapear atitudes e comportamentos em um referido contexto. Assim, ao analisar qualitativamente os dados, os pesquisadores tanto puderam ter uma visão ampla das realidades presentes em cada contexto quanto conseguiram acessar o posicionamento e a realidade dos professores de inglês que foram participantes de ambas as pesquisas frente ao autismo.

No que se refere à coleta de dados, o instrumento entrevista é comum nos dois estudos. Essa forma de coletar dados é bastante corriqueira em pesquisas qualitativas, uma vez que é um meio de perguntar diretamente ao participante sobre sua compreensão e realidade em um contexto específico (GIL, 2010), bem como esclarecer e aprofundar eventuais dúvidas e pensamentos complexos. Em tempo, a entrevista também permite a troca do conhecimento inerente à subjetividade entre pesquisadores e participantes.

O impacto que essas pesquisas causam no campo da LA é de valor incalculável, elas abriram um leque de possibilidades e influenciam de forma direta a mudança de uma realidade, contexto. Como exemplo, a forma como a professora de inglês participante da pesquisa de Resende (2021) passou a compreender seus alunos com autismo e dislexia por outra perspectiva, o que teve conseqüências positivas na aprendizagem desses estudantes e no convívio com os colegas de turma. Paraphrasing mais uma vez Moita Lopes, esses estudos também possibilitaram a LA como ensaio da esperança.

Essas pesquisas também são molas propulsoras para que mais pesquisas sobre o autismo, outros transtornos e deficiências sejam desenvolvidas, ou seja, pesquisas que vão além do “sujeito homogêneo e essencializado como branco, homem, heterossexual de classe média [...]” (MOITA LOPES, 2006, p. 101). Apesar de essa citação ser decorrente de um pensamento publicado em 2006, 16 anos atrás, ainda se faz atual, sobretudo no presente contexto nacional - Brasil, 2022, no qual a diferença - concebida aqui como vozes do sul - ainda é enfrentada com estranheza e desrespeito.

Respondendo à pergunta inicial, a partir da exposição dos dados, percebemos que pesquisas de Pós-Graduação sobre o professor de inglês e o transtorno do espectro autista ainda são em pequeno número, todavia de grande relevância para a área educacional e para o contexto da Linguística Aplicada. No que tange à Tecnologia Assistiva, não encontramos pesquisas que também abordassem o professor de inglês e autismo nos repositórios mencionados, como é ilustrado nas figuras 1 e 2. Enfatizamos a urgência de pesquisas que também tratem sobre essa temática.

Há outras pesquisas que foram desenvolvidas em programas de pós-graduação em Letras ou, especificamente, em Linguística Aplicada que tratam sobre o autismo na perspectiva da neurolinguística (TAMASHIRO, 2020) e análise de conversação (KLIEMANN, 2018), como também sobre deficiências (COSTA, 2018). Elas seguem o mesmo padrão: ainda são em pequeno número. Precisamos de pesquisas que tratem sobre essas vozes do sul, pois como pontua Vieira (2017, p 7) “a inclusão não se trata somente de construção de conhecimentos escolares adaptados para os alunos com necessidades educacionais especiais ou de socialização. É preciso que os conceitos construídos dialoguem com a vida cotidiana, de modo a contribuir para a formação da autonomia das pessoas [...]”.

O que buscamos é chamar a atenção para a “inexistência de pesquisas no campo da LA que discutam a formação de professores de LI para atuar no [...], mais especificamente junto a alunos com SA” (ROCHA, 2016, p. 105), Em diálogo, “consideramos também como central a reflexão sobre os processos de formação docente no país” (COSTA, 2018, p. 132) e “as lacunas da formação dos professores de LE [...] algo que deve ser pautado nas agendas dos cursos de graduação e pós-graduação (RESENDE, 2021, p. 198). Pesquisas que busquem suprir essa lacuna colaborarão com a necessária mudança nas grades curriculares nos cursos de licenciatura em Letras, pois, como pontua Medrado (2016. p. 263), “ainda temos uma licenciatura em Letras que

apresenta lacunas expressivas no que diz respeito a uma formação que intervenha não periférica, mas diretamente na inclusão de pessoas com deficiências nas escolas.”. Essas assertivas dialogam com o estudo de Oliveira et al (2020) já que aos questionarem estudantes de Letras como o curso contribui com alunos TEA ou com necessidades especiais, a maioria dos discentes relatou que o curso não contribui e haveria necessidades de disciplinas que abordassem a educação especial.

Sobre os recursos e serviços da Tecnologia Assistiva na aula de inglês, há artigos que discutem sobre a temática (FRASSON ET AL, 2022), mas também enfatizando a necessidade de pesquisas: “sugere-se aos próximos pesquisadores que ampliem os conhecimentos adquiridos nesse artigo e procurem recursos da tecnologia assistiva direcionados a casos específicos dentro da Educação Especial.” (FRASSON ET AL 2022, p. 8). Essas pesquisas também precisam considerar o professor, no contexto em questão, de inglês, uma vez que esse profissional necessita saber utilizar em recursos para poder utilizá-los como ferramenta pedagógica e aplicá-los durante a aula. Há estudos na área da Pedagogia (RIBEIRO, 2021) e da Computação (PASSERINO ET AL, 2010) que, devido a multidisciplinaridade da LA, dialogam com o campo de estudo, já que

Outro ponto que me parece crucial para que a LA seja responsiva à vida social se prende à necessidade de entendê-la como área híbrida/mestiça ou a área da INdisciplina. A interdisciplinaridade é, porém, em geral, ainda vivida de forma tímida na LA, embora ela seja um modo de produção de conhecimentos que é cada vez mais prevalente nas ciências sociais e humanas. (MOITA LOPES, 2006, p. 97)

Apesar de a inter e multidisciplinaridade já estarem mais presentes nos estudos aplicados, na maioria dos casos, esse diálogo acontece entre as ciências sociais e humanas, e de forma tímida com a informática. Porém, esse diálogo também precisa acontecer com as áreas da saúde e das exatas, uma vez que essas áreas compõem o social. A sociedade e o seu funcionamento são complexos, assim, pesquisas na perspectiva da LA não devem ser fechadas ou redutoras, e sim trabalhadas na perspectiva do pensamento complexo (MORIN, 2008).

Concordando com Costa (2018), acreditamos que o professor é um dos protagonistas para alcançarmos uma educação inclusiva de qualidade. Por isso, destacamos a importância de pesquisas sobre a formação docente para a educação especial sob o viés da LA, tendo em vista possíveis aplicações práticas, pois a “mutilação da diversidade da vida social seria indício do legado representacional e dos ideais modernos de transparência e cientificismo que ainda nos rondam.” (MOITA LOPES, FABRÍCIO, 2020, p. 717).

Na pesquisa de doutorado, a qual está em andamento⁴, das autoras do presente estudo, os professores de inglês entrevistados relatam que não se sentem preparados ou/e confiantes para ensinar inglês para pessoas com autismo, mesmo aqueles professores que possuem experiência, e quando questionados os motivos, eles elencam: falta de informação, falta de formação, falta de auxílio especializado pois o idioma estrangeiro se torna uma barreira, falta de material, falta de investimento e entre outros. No que tange à Tecnologia Assistiva, a maioria dos participantes afirma que não sabe o que é. Esses relatos estão em consonância com o destaque de Vieira (2017):

Em linhas gerais, há um longo caminho a ser percorrido e uma grande distância a ser diminuída. Contudo, quando tratamos da Educação Inclusiva, os obstáculos se apresentam em maior escala, considerando a falta de informação, as dificuldades infra-estruturais, a formação docente, a elaboração do currículo, a avaliação e a escassez de materiais e recursos didáticos preparados com essa finalidade ou que possam ser adaptados de modo a promover a acessibilidade pedagógica necessária. (VIEIRA, 2017, p. 2) (GRIFO NOSSO)

Os grifos destacados na citação se referem a temas que são bastante discutidos e estudados em programa de pós-graduação em LA. Assim, por ser uma disciplina que, pelo menos há 2 décadas (LEFFA, 2001), tem como intuito ser responsiva à questões sociais, enfatizamos novamente que mais pesquisas sob o viés da educação especial são essenciais para cumprir sua agenda. Além disso, devido ao fato de que a inclusão de pessoas com transtornos e deficiências no ambiente escolar é cada vez mais posto em prática e, então, precisa ser discutido em uma perspectiva crítica e multidisciplinar.

Considerações finais

Em linhas gerais, o presente estudo teve como intuito refletir sobre o panorama de pesquisas sobre a formação do professor de inglês para o ensino de pessoas com autismo na égide da Linguística Aplicada de caráter multidisciplinar e que tem compromisso com a sociedade. Para isso, buscamos pesquisas de pós-graduação na referida temática. Poucas pesquisas foram encontradas. Com isso, agregando à resposta da pergunta de pesquisa (*qual o cenário da pesquisa nacional no que tange a tríade professor de inglês, autismo e Tecnologia Assistiva no campo da*

⁴ Pesquisa já passou pela primeira banca de qualificação do projeto e já teve a aprovação do Comitê de Ética. Previsão da defesa final: fev/2024.

Linguística Aplicada?), consideramos que estudos em LA precisam de forma urgente considerar a perspectiva inclusiva no que tange pessoas com transtornos e deficiência, as vozes marginalizadas, as vozes do sul, imprescindíveis a contextos que se espelham na realidade social do século XXI.

Ao pesquisar mais sobre a educação considerando as ponderações da LA crítica e multidisciplinar, além de humanizarmos e ajudarmos a promover a empatia, também contribuiremos para o fim do preconceito e respeito às diferenças em todas as esferas da vida humana. Todavia, tem que ter em e de forma bastante nítida que além de pesquisas sobre essas vozes do sul, também precisam ser desenvolvidas pesquisas com essas vozes do sul como protagonistas. Assim, de fato, as pesquisas serão inclusivas.

Dessa forma, retomamos o título do presente artigo: “por uma Linguística Aplicada mais inclusiva”. Ressaltamos que a agenda social do campo de estudo já deixa nas entrelinhas que esta é uma perspectiva que também deve ser considerada, todavia pesquisas precisam ser realizadas para auxiliar na mudança social de grupos marginalizados pela sociedade sobre e com esses grupos. Acreditamos que, para tanto, devemos promover o diálogo cada vez mais precioso entre a academia e a escola regular para compreendermos a realidade dentro deste espaço.

Referências

APA. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* [recurso eletrônico]: DSM-5 / [American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli [et al.]. – 5º. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm> acesso em Março de 2022

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2021*. Brasília, DF: Inep, 2021.

COSTA, D. S. da. *Representações docentes sobre o ensino de línguas estrangeiras para alunos com deficiência visual: ressonâncias de um métier*. Dissertação (mestrado). UFPB. 2018.

FRASSON, S. C; BORTOLUZZI, V. I; GHISLENI, T. S. *A importância das tecnologias assistivas aliadas do trabalho do professor de língua inglesa com alunos público-alvo da educação especial*. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 1, e59711125469, 2022.

Ferreira, O. H.; Tonelli, J. R. (2020). *Ampliando horizontes: ensino de inglês para crianças com transtorno do espectro autista*. *Revista Desenredo*, 16(3).

GALVÃO FILHO, T. A. *Tecnologia assistiva para uma escola inclusiva [recurso eletrônico]: apropriação, demanda e perspectivas*. Tese (de doutorado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2009.

GRANDIN, T; PANEK, R. *O cérebro autista: pensando através do espectro*. Tradução: Cristina Cavalcanti. 11 ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

KLIEMANN, M. P. *Autismo, tecnologia e aprendizagem: de ritornelo e de polifonia*. (TESE). Doutorado em Letras Instituição de Ensino: Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel Biblioteca Depositária: Campus Cascavel, 2018.

LEFFA, V. J. *A linguística aplicada e seu compromisso com a sociedade*. Trabalho apresentado no VI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada. Belo Horizonte: UFMG: 2011. 7-11 de Outubro de 2001.

MANZINI, E. J. *Portal de ajudas técnicas para educação: equipamento e material pedagógico especial para educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência física: recursos para comunicação alternativa*. [2. ed.] / Eduardo José Manzini, Débora Deliberato. – Brasília : [MEC, SEESP], 2006.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. *Metodologia Científica*. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MEDRADO, B. P. *Formando professores para incluir: contribuições da Linguística Aplicada*. IN: JORDÃO, C. M. (org); *A linguística Aplicada no Brasil: rumos e passagens*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

MOITA LOPES, L.P. da. *Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado*. IN: MOITA LOPES; L.P. da. *Por uma linguística aplicada indisciplinar (org.)* – São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, L. P; FABRÍCIO, B. *Por uma ‘proximidade crítica’ nos estudos em Linguística Aplicada*. *Revista Calidoscópico* – v. 17, n. 4, 2019.

MONTEIRO, F. K. de F. V. *Formação de professores em sistema de comunicação alternativa para pessoas com Transtorno do Espectro Autista - TEA: uma inserção das tecnologias assistivas em contextos escolares maranhenses*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação. Porto Alegre, BR – RS, 2016.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Instituto Piaget: Lisboa, 2008.

OLIVEIRA, C. D. de; MILL, D. *Recursos digitais de tecnologia assistiva no Brasil: uma abordagem educacional*. SIED - Simpósio Internacional de Educação à Distância. 2016.

OLIVEIRA, D. G. de; ANGELO, C. M. P; STREICHEN, E. M. *Transtorno do espectro autista e formação docente: perspectivas de alunos do curso de Letras*. Teoria e Prática da Educação, v. 23, n.3, p. 77-95, Setembro/Dezembro 2020 Doi: <https://doi.org/10.4025/tpe.v23i3.52888>

OMENA, L. S. de. *A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos anos iniciais do Ensino Fundamental I: possibilidades e práticas para aprendizagem da linguagem oral e escrita*. Mestrado (DISSERTAÇÃO) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras. Assis, 2021.

PASSERINO. L. M; AVILA, B. G.; BEZ, M. R. *SCALA: um Sistema de Comunicação Alternativa para o Letramento de Pessoas com Autismo*. CINTED-UFRGS Novas Tecnologias na Educação. V. 8 N° 2, julho, 2010

RESENDE, C. S. M. *Uma aprendiz na aula de inglês como Língua Estrangeira: (Re)Construído possibilidades*. Mestrado (Dissertação). Universidade de Brasília, ProPrograma de Pós-graduação em Linguística Aplicada, 2021.

RIBEIRO, J. L. *Tecnologia Assistiva e Atendimento Educacional Especializado para alunos com autismo na pandemia*. Mestrado (DISSERTAÇÃO). Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, Teresina Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do CCE/UFPI. 2021.

ROCHA, E. P. *Possibilidades e desafios na formação de professores de língua inglesa a indivíduos com a síndrome de asperger*. Mestrado (DISSERTAÇÃO) – Universidade Estadual de Londrina. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, 2016.

ROCHA, E, P. da; TONELLI, J. R. A. *O autista na sala de aula de língua inglesa: um dilema ou um mundo de oportunidades*. Revista eletrônica pró-docência/UEL. Edição N. 3, Vol 1, 2013.

DE SOUSA JÚNIOR, M. G; DA SILVA, F. G. C; COSTA, M. A. M. *Tecnologias digitais e formação de professores: implicações para as práticas de ensino de professores de cursos de licenciatura em Letras*. Revista Linguagem em Foco, v. 12 n. 2. 2020.

TAMASHIRO, T. P. *A Intervenção ABA em crianças portadoras de TEA: uma análise neurolinguística*. Mestrado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas. Campinas Biblioteca Depositária: IEL, 2020.

TENENTE, L. B. *A visão da escola sobre a inclusão de crianças com autismo*. Dissertação (Mestrado). PUC-SP, 2017.

VIEIRA, A. A. *A Linguística Aplicada como aliada na promoção de práticas pedagógicas inclusivas*. 10.17771/PUCRio.PDPe.30314. 2017.

VOLKMAR F. R., WIESNER, L. A. *Autismo: guia essencial para compreensão e tratamento*. Tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2019